

Gustavo Cares dos Santos

**O CONCEITO DE AMIZADE NA PERSPECTIVA DE C. S. LEWIS E
SUA RELAÇÃO COM A VISÃO ARISTOTÉLICA DE AMIZADE**

Monografia de Bacharelado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2022

Gustavo Cares dos Santos

**O CONCEITO DE AMIZADE NA PERSPECTIVA DE C. S. LEWIS E
SUA RELAÇÃO COM A VISÃO ARISTOTÉLICA DE AMIZADE**

Monografia apresentada ao curso de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao bom Deus, que até aqui me conduziu e tem me conduzido para o fim de minha primeira graduação. Sem Ele, nada estaria acontecendo. Não poderia deixar de agradecer à sua Mãe, a Virgem Santíssima, que chamo de Senhora das Graças. Sei que ela intercedeu o tempo todo por mim, para que eu conseguisse concluir este trabalho. Quero agradecer a um amigo do céu, o venerável Nicola D' Onofrio, que, desde o início, sei que intercedeu por mim e me ajudou a concluir este trabalho. Ele tem sido meu amigo nas horas mais difíceis e nas horas mais felizes.

De modo especial, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Elton Vitoriano, pela disponibilidade em me acompanhar durante este tempo, e pelos ensinamentos em suas disciplinas de História da Filosofia Antiga. Desde as primeiras aulas, sempre conseguiu me ensinar aquilo de que mais testemunha: o seu amor pela Filosofia. Hoje, posso dizer que aprendi a amar a Sabedoria, a nossa querida *Philosophia*. Meu muito obrigado.

Agradeço, de modo especial, à minha amiga, Profa. Dra. Yara Miranda, pelo auxílio na revisão de minha monografia, pelo apoio, incentivo e por sempre acreditar e dizer que eu conseguiria, que sou capaz. Obrigado. A você, minha eterna gratidão. Como aprendemos com Aristóteles e Lewis, você é, de fato, uma amiga, e construímos, durante este tempo, uma amizade virtuosa. Que o bom Deus nos conserve até a eternidade.

Agradeço e quero dedicar este trabalho a todos os meus queridos amigos e familiares, os que foram, são e serão, por, de certo modo, me permitirem enxergar tudo o que coloquei neste trabalho. Não vou mencionar nenhum para não cair na falha de esquecer algum. Todos vocês estão em meu coração e, de muitas formas, estão aqui neste trabalho também.

Por fim, agradeço a todos os que me ajudaram nesta etapa da minha caminhada, pessoas que foram suporte, alívio e proteção. Incluo aqui meus formadores, que sempre me conduzem a ir além e me motivam a chegar e concluir meus objetivos. Aos meus irmãos da comunidade, os que passaram e já concluíram a etapa formativa, e os que ainda estão comigo. Estendo esta gratidão a todos os professores e colegas da *Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE*.

Cada um de vocês exerceu um importante papel neste trabalho, sem vocês não teria conseguido concluir, nem ao menos começar. Minha eterna gratidão a todos. Deus os pague e os abençoe.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar o conceito de amizade desenvolvido por C. S. Lewis em uma de suas principais obras, “Os quatro amores”. Para nossa análise, partimos da compreensão filosófica da temática em Aristóteles, especificamente aquela expressa na obra “Ética a Nicômaco”. Nesse sentido, buscamos refletir sobre o tema da amizade, tanto a partir de uma visão antiga quanto em uma perspectiva mais contemporânea, ao mesmo tempo em que observamos a amizade como base das relações sociais ao longo da história das civilizações.

Palavras-chave: Amizade; Virtude; Amor; Ética a Nicômaco; Os quatro amores.

RIEPILOGO

Questa ricerca ha come obiettivo principale analizzare il concetto di amicizia sviluppato da C. S. Lewis in una delle sue principali opere, "I quattro amori". Per la nostra analisi, siamo partiti dalla comprensione filosofica della tematica in Aristotele, nello specifico da quella espressa nell'opera "Etica Nicomachea". A tal fine, cerchiamo di riflettere sul tema dell'amicizia sia a partire da una visione antica, sia secondo una prospettiva più contemporanea, mentre guardiamo all'amicizia come base delle relazioni sociali nel corso della storia delle civiltà.

Parole chiave: Amicizia; Virtù; Amore; Etica Nicomachea; I quattro amori.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – ÉTICA A NICÔMACO	10
CAPÍTULO 2 – OS QUATRO AMORES.....	15
CAPÍTULO 3 – INTERSEÇÕES ENTRE A AMIZADE EM C. S. LEWIS E NA ÉTICA A NICÔMACO	21
CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Aristóteles foi um dos maiores filósofos da Antiguidade e é muito importante para a Filosofia. Nasceu em 384 a.C., em *Estagira*, localizada na *Macedônia*. Era filho de um médico chamado *Nicômaco* e de *Féstis*. Viveu por um breve tempo em *Pela*, pois seu pai foi nomeado médico da corte do rei Amintas II, rei *macedônio*. Aristóteles transferiu-se para *Atenas* por volta dos anos 367-366 a.C, para realizar ali seus estudos. À época, o jovem tinha apenas 18 anos de idade e acabou se tornando membro da Academia de Platão, vindo a ser, futuramente, um de seus discípulos mais brilhantes. Naquele período, Aristóteles redigiu e publicou muitas obras em forma de diálogos. Estas são as chamadas “*exotéricas*” e “*esotéricas*”.

Por volta dos anos 347 a.C., morre Platão. Após esse acontecimento, Aristóteles acabou deixando a Academia de seu mestre, o que alguns autores atribuem ao fato de ele não concordar com a forma como *Espeusipo* deu prosseguimento a ela, tendo na matemática seu valor maior (MARCONDES, 2007[1997]). Assim, Aristóteles passa a seguir seu próprio caminho e, ainda no ano de 347 a.C., funda e dirige uma escola em *Assos*, junto com *Xenócrates*, *Corisco* e *Erasto*. Por volta de 343-340 a.C., por intercessão de *Hérmias*, o Rei Filipe, da *Macedônia*, escolheu-o para ser preceptor de Alexandre, seu filho.

Em seu segundo casamento, Aristóteles desposa *Hérpiles*, que lhe concede um filho, com cujo nome homenageia seu avô paterno, dando-lhe o nome de *Nicômaco*. Por volta de 335 a.C., Aristóteles retorna a *Atenas* e funda o *Perípatos*. Lá, ministra grandiosos cursos de filosofia e ciência, além de elaborar e sistematizar os escritos esotéricos. No ano de 323 a.C., morre Alexandre, e sua morte causa uma revolta antimacedônica. Como explica Reale (2012) por este ocorrido, Aristóteles vê a necessidade de abandonar Atenas. No ano de 322 a.C., portanto, vai para *Calcides* por ter terras de sua mãe naquela localidade. Pouco tempo depois, morre.

Na Filosofia, Aristóteles é fundamental para o estudo, sobretudo, da Ética. De fato, é impossível escrever ou falar sobre ética sem que se mencione Aristóteles, seja como forma de inspiração ou até mesmo para refutar suas ideias, como escreve Nodari (1997). Aristóteles não delimita o aspecto prático da Ética à *Nicômaco* – doravante, EN – à teoria moral. Ele desenvolve uma teoria mais abrangente, relacionada ao bem viver, ao agir correto, e ao refletir racional, como salienta Mannheim, em seu prefácio ao livro “*A Ética a Nicômaco de Aristóteles*”¹. Nesta última, o reconhecido filósofo da Antiguidade concebe o ponto fundamental de toda a investigação ética. Com textos e questões atuais, a ética de Aristóteles é, ainda hoje,

¹ Edições Loyola, 2010.

fundamental para as discussões sobre esse tema nos tempos atuais, como salienta Wolf (2010). A autora assinala o texto de Jonathan Barnes, no qual este escreve:

A Ética... pode ser lida na realidade como documento histórico – como testemunho da situação da filosofia prática no quarto século antes de Cristo. Mas pode ser lida também como uma contribuição para o debate atual, e os filósofos modernos tratam Aristóteles sempre ainda como um brilhante colega” (BARNES, 1982, p. 87 *apud* WOLF, 2010, p. 9).

Partindo da Antiguidade e vindo rumo à Contemporaneidade, conhecemos o professor Clive Staples Lewis. Nascido na Irlanda em 1898, ficou mais amplamente conhecido apenas por C. S. Lewis. Foi professor de literatura Medieval e Renascentista, tanto na universidade de Cambridge quanto em Oxford. Durante um tempo de sua vida, considerou-se ateu. Assumir essa condição contribuiu para que ele entendesse, posteriormente, o seu processo de conversão, o que favoreceu que ele se tornasse um teólogo cristão. C. S. Lewis é um grande crítico literário do século XX, foi também filósofo e produtor de grandes obras de ficção científica. Morreu em novembro de 1963, em sua residência, na Inglaterra

Uma de suas mais reconhecidas obras é “Os quatro amores”. Nela, o autor parece ter o intuito de explicar as diferentes formas como o amor se manifesta. C. S. Lewis distingue o amor em quatro conceitos, a saber: Afeição, Amizade, Eros e Caridade. Assim como Aristóteles, Lewis dedica um capítulo completo para falar da Amizade. Nesse sentido, o autor parece revisitar conceitos e algumas definições da obra aristotélica. O sentido, contudo, do livro de Lewis não parece o mesmo que aquele empregado por Aristóteles. Este trata a Amizade em uma perspectiva política, enquanto, para Lewis, a Amizade pode ser mais compreendida como tipos de amor, uma forma de relacionamento interpessoal.

O grande autor C. S. Lewis vem recebendo grande importância em nosso tempo, e tem influenciado alguns pesquisadores em sua busca de um bom ensino de filosofia, como salienta Batista (2021). Este autor, por exemplo, em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal do Ceará, defende o quanto as obras de Lewis, por meio do conceito de imaginação, abre possibilidades de geração de métodos para o ensino de filosofia no ensino médio.

Portanto, tendo em consideração a possibilidade de analisar as diferentes formas como Aristóteles e C. S. Lewis tratam a temática da amizade em suas respectivas obras, este trabalho pretende, tendo como obra principal o livro “Os quatro amores” de C. S. Lewis, analisar o conceito de amizade desenvolvido por esse autor. Para isso, teremos como fundamentação teórica a compreensão filosófica da temática da amizade em Aristóteles, expressa na obra “Ética

a Nicômaco”. Nessa direção, buscaremos compreender a amizade em Aristóteles e, a partir dessa compreensão, analisaremos o referido conceito na selecionada obra de C. S. Lewis.

Para alcançar nossos objetivos, como metodologia de pesquisa, utilizaremos como base o terceiro capítulo da obra “Os quatro amores”, de C. S. Lewis. Consultaremos a 1ª edição em língua portuguesa, traduzida em 2017 por Estevan Kirschner e publicada pela editora Thomas Nelson Brasil. O estudo será desenvolvido em três capítulos. No primeiro, analisaremos a obra de Aristóteles, “Ética a Nicômaco”, especificamente, os livros VIII e IX, na versão de sua 1ª edição em língua portuguesa, traduzida em 1973 por Leonel Vallandro e Gred Bornhem, publicada pela editora Abril S/A Cultural e Industrial. Conceituaremos as três diferentes formas de compreender a amizade segundo Aristóteles, a saber: 1) a partir da utilidade; 2) a partir do prazer e 3) a partir da virtude. No segundo capítulo, passaremos à análise da compreensão da amizade por C. S. Lewis no terceiro capítulo da obra “Os quatro amores”. Finalmente, no terceiro capítulo desta monografia, discutiremos pontos de confluência e divergência entre as obras selecionadas.

CAPÍTULO 1 - ÉTICA A NICÔMACO

Para Perine (1982), a EN pode ser reconhecida como a obra de maior impacto sobre o pensamento ocidental, fundamentando toda a reflexão sobre ética que a segue. O título da obra, como explica esse autor, foi compreendido, a princípio, como se Aristóteles a tivesse escrito para Nicômaco, seu filho. Contudo, é consenso hoje que, de fato, Nicômaco teria sido responsável por organizar a primeira publicação do texto, tendo como seu orientador Teofastro, por volta dos anos 310 e 300 a. C.

Em uma de suas análises sobre a obra, Perine (1982) apresenta, de forma breve, três fases distintas do pensamento de Aristóteles: o idealismo platônico, o instrumentalismo mecanicista e o hilemorfismo. A EN situa-se, segundo o pesquisador, na fase instrumental-mecanicista, na qual Aristóteles já teria renunciado à doutrina das ideias, rejeitando o pessimismo platônico relativo ao corpo. Nela, o filósofo ainda mantinha a alma em relação hierárquica superior ao corpo, porém, sem atribuir a ela uma transcendência ou imortalidade. Nessa nova concepção da moral para Aristóteles,

[...]o corpo é um instrumento da alma e deve colaborar com ela na realização da sua tarefa de homem. Não há unidade substancial entre a alma e o corpo e, a sua doutrina propõe uma moral para esta vida, separando valores corporais e valores psíquicos bem mais do que permitiria uma moral hilemorfista. (PERINE, 1982, p. 24).

Em continuidade, Perine explica que a EN faz parte das obras esotéricas ou acroáticas, tendo sido escritas para a escola em forma de cursos ou tratados. Portanto, a obra surgiu a partir dos cursos ministrados por Aristóteles diversas vezes em *Atenas*, sem que ele tivesse, à época, pretensão de publicá-las em forma de livro. Dessa forma, sabe-se que estes escritos sofreram múltiplas modificações por seu autor, e a obra, como a temos atualmente, foi assim organizada – inclusive, em capítulos – por seu primeiro editor. Aristóteles escreveu muitos livros, os quais foram divididos em três classes de escritos: os escritos exotéricos, os esotéricos e uma coleção de investigações sobre natureza e política. No que se refere à ética, existem dois outros escritos além da EN, que são a *Magna moralia* e a *Ética Eudemo*. Segundo a opinião de muitos escritores, estas obras não foram escritas por ele (WOLF, 2010). Nas versões que temos hoje, sabemos que existem três livros em comum na obra *Ética a Nicômaco* e na *Ética Eudemo*, mais especificamente os livros IV, V e VI. Como salienta Reale (2012), alguns até duvidam que estes livros em comum pertencem realmente a estes escritos.

Com base na apresentação feita por Wolf (2010), apresentamos a atual estrutura da obra de Aristóteles. O Livro I apresenta a questão do *bem do homem*; nos Livros de II a VI, aborda-se a vida política e, nos Livros de VII a IX, trata-se de assuntos afins. Finalmente, o Livro X é estruturado em duas partes, sendo a primeira sobre o prazer e, a segunda parte, sobre a vida teórica. Como, destaca Wolf (2010), o desenvolvimento de todos os tópicos pode estar, de forma mais precisa, representados desta forma:

I	A respeito do conceito de fim, bem e da <i>Eudaimonia</i>
II	Definição da <i>arete</i> ética (virtude, excelência)
III 1-7	<i>Hekousion</i> (voluntariedade) e <i>proairesis</i> (propósito, decisão)
III 8 - V	As <i>aretai</i> éticas singulares, entre as quais, é importante:
V	A justiça
VI	As <i>aretai</i> intelectuais
VII 1-11	A falta de domínio
VII 12-15	O primeiro tratado sobre o prazer
VIII - IX	A amizade
X 1-5	O segundo tratado sobre o prazer
X 6-9	A resposta à questão da <i>Eudaimonia</i>
X 10	A transição para política

Fonte: WOLF, 2010, p. 16-17

Aristóteles dedica dois capítulos ao tema da Amizade na EN, como vimos na apresentação da obra. De fato, como salienta Wolf (2010), muitos falavam sobre essa temática antes dos anos de 1920, mas, embora Aristóteles tenha dedicado dois livros sobre o assunto, foram, durante muito tempo, pouco considerados para pesquisa. Contudo, tendo o tema ganhado novo interesse, retomou-se novamente o trabalho de Aristóteles, visto que este foi o primeiro a elucidar as condutas e as estruturas de uma relação de amizade (WOLF, 2010).

A partir da *Ética a Nicômaco*, Nodari destaca que “a amizade ajuda as pessoas a pensar, agir, manter-se unidas, e praticar a justiça, pois considera-se que a mais autêntica forma de justiça é uma disposição amistosa. Assim, a amizade não é apenas necessária, ela é também uma das coisas mais nobilitantes” (NODARI, 1997, p. 399). Na mesma direção, Aristóteles considera também que a forma de relação dos pais com os filhos – ou até mesmo a relação

conjugal – simboliza uma forma de amizade (WOLF, 2010). Portanto, esse conceito tem uma abrangência significativa e muito importante para o desenvolvimento da sociedade.

Wolf (2010) ainda destaca duas razões que tornam evidente a necessidade do tratamento da temática da amizade nos quadros da investigação ética. A autora destaca que a amizade é, em primeiro lugar, uma *areté*² ou, senão, está ligada à *areté*. Em segundo, a amizade é um importante elemento constitutivo do bem viver. Sendo assim, é possível compreender que Aristóteles apresenta a finalidade da amizade para as várias circunstâncias da vida. Além disso, em sua obra, ele estrutura a base natural da amizade, destacando que esta acontece tanto no mundo dos animais quanto entre os homens. Por fim, o filósofo destaca “a cooperação da amizade para a manutenção da pólis, a qual não pode ser garantida apenas com justiça” (Wolf, 2010, p. 225).

Isto posto, foquemo-nos no significado de amizade na obra de Aristóteles, especificamente, no livro VIII da EN. Ele propõe, no início de sua reflexão, uma perspectiva geral do tema amizade, passando por uma diferenciação entre os termos *phileto e philia*. Essa diferenciação refere-se ao objeto que será amado, sendo que, a um objeto inerte, não se poderá aplicar o bem como finalidade em si mesmo.

Ora, as pessoas amam por três razões. Para o amor dos objetos inanimados não usamos a palavra amizade, pois não se trata de amor mútuo, nem um deseja bem ao outro (seria, com efeito, ridículo se desejássemos bem ao vinho; se algo lhe desejamos é que se conserve, para que continuemos dispendo dele) (EN, p. 380, 1155b 25-30).

A partir disso, o Estagirita expõe três elementos fundamentais para que haja uma verdadeira relação amistosa entre duas pessoas, a saber, o bem querer, a reciprocidade e a exteriorização desse bem recíproco. Esses elementos serão a base fundamental de distinção das três formas de amizade: a primeira, pautada no útil; a segunda, no prazer e a terceira, no bem, sendo esta última a relação de amizade por excelência.

[...] Aristóteles discute, primeiramente, o problema daquilo que pode ser objeto do amor, aquilo que pode ser amado e desejado, pois “nem tudo é possível de amor, apenas o que pode despertá-lo. Assim é o bem, o prazer e o útil. Mas o útil é o que produz algo de bom ou dá prazer, de tal sorte suscetível de amor, como fim em si mesmo, apenas há o bem e o prazer” (EN, VIII, 2, 1155 b 19-21) (DOS SANTOS, 2016, p. 244).

² Rodrigo (2016) explica o conceito de *areté* (virtude) como princípio formativo da *paideia*. A autora apresenta que esse era um ideal de excelência humana, inicialmente ligado “à antiga cultura aristocrática, restrita à nobreza, [que] teve como paradigma as figuras exemplares de deuses e heróis” (RODRIGO, 2016, p. 120).

Agora, tendo adentrado no que se refere ao conceito de amizade, apresentar-se-á detalhadamente cada uma das distinções propostas por Aristóteles. Iniciaremos pela relação amistosa ligada à utilidade.

Na amizade útil, leva-se em consideração o bem direcionado a mim, e não o bem como *télos*. O princípio essencial nessa relação é o interesse, o qual se torna meio para que uma das partes alcance o benefício oferecido pela outra. Contudo, ambas as partes agem da mesma forma, ou seja, a ação de dar e receber é vivenciada pelas duas pessoas. Pode-se cogitar como plano de fundo um sentimento egoístico, em que o fim está no que poderá se usar do outro e não num bem querer verdadeiro. Aristóteles apresenta que esta espécie de amizade é observada, com facilidade, entre velhos, pois, quanto mais velho, mais se busca no outro o que me é útil. Sendo assim, o filósofo concede a este tipo de amizade o grau de mais imperfeito entre as três.

Ora, o útil não é permanente, mas muda constantemente. E assim, quando desaparece o motivo da amizade, esta se dissolve, pois que existia apenas para os fins de que falamos. Essa espécie de amizade parece existir principalmente entre velhos (pois na velhice as pessoas buscam não o agradável, mas o útil) e, dos jovens e dos que estão no vigor dos anos, entre os que buscam a utilidade. (EN, p. 381, 1156a 20-30).

Posteriormente, Aristóteles explica a amizade tendo, como fim, o prazer. Ela se desenvolve em um meio semelhante ao estilo de amizade citado anteriormente, em que se leva em consideração apenas o que gostamos e o que achamos de agradável nos outros. Em outras palavras, permanece ligada a um plano de fundo egoístico, no qual não se procura o verdadeiro bem, e sim o que me convém. Nesta relação amistosa, o princípio fundamental são as paixões humanas, juntamente com as emoções. Os laços são estabelecidos facilmente, pois se pautam naquilo que é superficial, inconstante e passageiro. Por isso, o Estagirita estabelece, como modelo desta amizade, as relações entre os jovens, que são consideradas, por ele, efêmeras, uma vez que a juventude vive uma intensa imediatez. Em outras palavras, o sujeito gosta da companhia do outro e se dedica a esta relação de amizade até que perca o interesse no que é agradável. Apesar de tudo isso, Aristóteles a considera uma forma superior à da utilidade.

Os jovens são também amorosos, pois, em sua maior parte, a amizade que existe no amor depende da emoção e visa ao prazer; é por isso que tão depressa se apaixonam como esquecem a sua paixão, muitas vezes mudando no espaço de um dia. Mas é certo que tais pessoas desejam passar juntas os seus dias e a sua vida inteira, pois só assim alcançam o propósito da sua amizade (EN, p. 381. 1156b 5).

Por fim, Aristóteles aborda a amizade que se orienta à virtude, associando-a a uma relação amistosa entre homens de bem que se assemelham na busca pela verdade e pelo bem do outro em si mesmo. Esta espécie de amizade marcada pelo caráter e pela virtude engloba as outras duas: prazer e utilidade. Apesar de ambas terem, em si, características vivenciadas na superficialidade – dando espaço à calúnia, à falta de confiança e à injustiça –, dentro do

verdadeiro âmbito da amizade virtuosa, são aperfeiçoadas indicando a agradabilidade e a utilidade mútua. Todas estas qualidades, somadas à excelência, possibilitam um caráter de durabilidade na relação dos bons. (DOS SANTOS, 2016, p. 246).

A amizade que visa o prazer tem certa parecença com esta espécie, porquanto as pessoas boas são de fato agradáveis umas às outras. O mesmo se pode dizer da amizade que busca a utilidade, pois os bons também são úteis uns aos outros. [...] A amizade entre os bons, e só ela, também é invulnerável à calúnia, pois não damos ouvidos facilmente às palavras de qualquer um a respeito de um homem que durante muito tempo submetemos à prova; e é entre os bons que são encontradas a confiança, o sentimento expresso pelas palavras “ele nunca me faria uma deslealdade”, e todas as outras coisas requerem numa verdadeira amizade. (EN, p. 382-383 1157a 1-25).

Neste tipo de amizade, o amigo é o objeto do próprio amor, levando alguém a querer para o outro o que quer para si mesmo. A moralidade é o que orienta este bem querer puro e altruístico.

Na amizade entre os bons há um bem querer puro, altruísta; deseja-se o bem ao outro exclusivamente por ele mesmo. O moralmente bom não é apenas bom para si mesmo, mas também para o amigo, e isso significa: ele é benéfico e agradável para ele. Os objetivos que motivam a amizade por benefício e prazer também são concretizados na amizade por caráter. Nesse sentido, assim como na amizade completa, ela inclui as outras duas formas de amizade citadas (RICKEN, 2008, p. 109 *apud* DOS SANTOS, 2016, p. 246).

Dos Santos (2016) também sinaliza que outras características elementares nesta relação amistosa são: (1) o tempo e a cumplicidade, para que se estabeleça uma relação verdadeira entre os dois amigos; (2) a convivência e a experiência, que conduzem ambos a um laço profundo e íntimo nos tempos bons e ruins. Desenvolve-se, por fim, uma confiança, que se estabelece para confirmar as intenções e o caráter do outro. Como expresso na EN, em concordância com um provérbio mencionado por Aristóteles, “os homens não podem conhecer-se enquanto não houverem provado sal juntos; e tampouco podem aceitar um ao outro como amigos enquanto cada um não parecer estimável ao outro e este não depositar confiança nele.” (EN, p. 382).

Esta dignidade possibilita fornecer ao outro o que ele é incapaz de alcançar por si, o que pode levar à consideração de que é impossível ter amizades verdadeiras com muitas pessoas ao mesmo tempo (DOS SANTOS, 2016). Nessa direção, esclarece a obra de Aristóteles: “E, evidentemente, é melhor passar os seus dias com amigos e homens bons do que com estranhos ou a primeira pessoa que apareça. Logo, o homem feliz necessita de amigos.” (EN, p. 410).

Neste capítulo, apresentamos a obra *Ética a Nicômaco*. No seguinte, trataremos sobre a segunda obra que compõe o escopo de nossa análise, isto é, “Os quatro amores”, de C. S. Lewis.

CAPÍTULO 2 - OS QUATRO AMORES

Clive Staples Lewis nasceu na Irlanda, em 1898, e ficou bastante conhecido após ensinar literatura Medieval e Renascentista nas universidades de Cambridge e Oxford. Durante considerável tempo de sua vida, o autor se denominou ateu. Entretanto, após um processo de conversão, tornou-se cristão, o que gerou grande influência em suas obras. Lewis é considerado um grande crítico literário do século XX, filósofo e produtor de grandes obras de ficção científica. O autor morreu em novembro de 1963, em sua residência, na Inglaterra.

Uma de suas mais reconhecidas obras é “*Os quatro amores*”, publicada pela primeira vez em 1960, sob o título “*The Four Loves*”, no original em inglês. Nela, o autor parece ter o intuito de explicar as diferentes formas como o amor se manifesta. Lewis distingue quatro tipos de amor, a saber: Afeição, Amizade, Eros e Caridade. Assim como Aristóteles, o autor dedica um capítulo completo de sua obra para falar da Amizade. A obra, então, é dividida da seguinte forma:

I	O gostar e o amar em relação aos sub-humanos
II	Afeição
III	Amizade
IV	Eros
V	Caridade

Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Teremos como base, nesta pesquisa, o capítulo 3 do livro, intitulado “Amizade”. Lewis o inicia fazendo uma distinção entre a Afeição e o Eros, estabelecendo uma relação entre ambos quanto a seu valor. Na sequência, ele introduz o tema da amizade, no qual manterá seu foco nesse trecho da obra. O escritor afirma que “poucas pessoas modernas pensam que Amizade é um amor de valor comparável ou mesmo que seja um amor.” (LEWIS, 2017[1960], p. 83). Lewis apresenta, nesta primeira parte, a Amizade no pensamento antigo, segundo o qual os autores a enxergavam como “o mais feliz e o mais completamente humano de todos os amores, a coroa da vida e a escola da virtude” (LEWIS, 2017[1960], p. 83). Nesse sentido, Lewis afirma que o homem, embora tenha seu âmbito familiar, no qual convive e se relaciona com seus filhos e esposa, necessariamente precisa de alguns amigos.

A continuação, Lewis parece esboçar uma primeira caracterização, próximo a uma tentativa de definição, da Amizade. Claramente sem a intenção de diminuir a importância desse amor, o autor afirma que

[...] a Amizade é o menos *natural* dos amores; o menos instintivo, orgânico, biológico, gregário e necessário. Ela possui menos interação com os nossos nervos; não tem uma voz sensual; nada que faça acelerar os batimentos cardíacos ou que faça você ficar corado ou pálido. Acontece essencialmente entre indivíduos; no momento em que duas pessoas se tornam amigas, de certa forma elas se afastam juntas do resto do rebanho. Sem o Eros nenhum de nós teria sido procriado, e sem a Afeição, nenhum de nós seria criado; no entanto, podemos viver e procriar sem a Amizade. Biologicamente falando, a espécie humana não tem necessidade dela. (LEWIS, 2017[1960], p. 84).

Assim, Lewis parece, de alguma forma, explicar o motivo pelo qual, em certa medida, a amizade pode ser, para alguns, considerada um amor menos importante. Contudo, o autor segue sua argumentação demonstrando como, de fato, a Amizade é um amor de extrema importância. Ele salienta como os antigos consideravam que ter amigos era algo grandioso, sendo comum o afastamento das pessoas quando começavam uma amizade. Os amigos, quando iniciam uma nova amizade, podem se afastar dos seus grupos, deixando a prioridade para aquele que é seu novo amigo. Para muitos líderes, então, a Amizade pode ser compreendida como negativa e gerar inquietação em diretores de escola, coronéis e líderes religiosos, por exemplo, pois, em situações adversas, o amigo pode se tornar uma prioridade em detrimento das necessidades do grupo.

Em contrapartida, se analisamos comparativamente o modo como se compreende a Amizade na atualidade e o modo como os antigos a viam, notaremos discrepâncias advindas dos próprios valores morais de cada época. Por um lado, em tempos antigos e medievais, o ascetismo e a renúncia do mundo eram o pensamento mais profundo e permanente. Nesse sentido, “a natureza, a emoção e o corpo eram temidos como perigosos para a alma, ou desprezados como degradação da nossa condição humana” (LEWIS, 2017[1960], p. 85). Portanto, amores como o Eros e a Afeição pareciam mais envolvidos com os instintos que se desprezava ou se buscava conter naquele tempo e, nesse contexto, a Amizade passava a ser compreendida como a única capaz de elevar o homem ao “nível dos deuses ou dos anjos” (LEWIS, 2017[1960], p. 85).

Por outro lado, Lewis atribui à chegada do Romantismo o “retorno à natureza” e também a exaltação do *Sentimento*. O autor salienta discrepâncias nesse ponto, entre o período anterior ao Romantismo e o que veio depois dele. Se antes “a natureza, a emoção e o corpo eram temidos como perigosos para a alma” (LEWIS, 2017[1960], p. 85), agora surge o que Lewis chama de uma exaltação do Sentimento. Neste novo contexto, juntamente com o mergulho na emoção, exalta-se também o instinto e os deuses tenebrosos no sangue, e não há mais espaço para amizades masculinas. Então, nas palavras do autor, “tudo que antes recomendava esse amor agora começava a trabalhar contra ele” (LEWIS, 2017[1960], p. 85).

Outra questão que contribui para um menosprezo da Amizade como um amor importante, para Lewis, é uma visão simplista da vida humana. Se enxergada apenas como uma complicação da vida animal, colocará “sob suspeição todas as formas de comportamento que não apresentam certificados de origem animal e de utilidade para a sobrevivência” (LEWIS, 2017[1960], p. 86). De fato, como explica Lewis, uma perspectiva que valoriza a coletividade acima do individual desprezará a Amizade, visto que essa seria, para o autor, “uma relação entre homens em seu mais alto nível de individualidade” (LEWIS, 2017[1960], p. 86).

Na mesma direção, Neiva (2019) ressalta, a partir da amizade de Frodo e Sam, da obra *O Senhor dos Anéis*, este conceito discutido por Lewis. O autor destaca que

A amizade não só é desnecessária, biologicamente falando, como vai contra os instintos. Ao contrário do que se pode supor à primeira vista, a Amizade não pertence ao instinto gregário que une os animais, ela é exatamente o contrário: “[...] no momento em que duas pessoas se tornam amigas, de certa forma elas se afastam do resto do rebanho.” (LEWIS, 2017, p. 84). E isso se dá porque “Quando se diz ‘Estes são meus amigos’, a implicação é que ‘Estes outros não são’.” (Ibid., p.86). (NEIVA, 2019, p. 36).

Lewis se vê, então, obrigado a discutir uma visão aparentemente corrente na época em que escreve esta obra, segundo a qual “toda amizade séria e permanente é, de fato, homossexual” (LEWIS, 2017[1960], p. 86). O autor rebate essa afirmação argumentando que a admissão de que toda amizade entre homens seja “de fato” homossexual é descabida e consequência de uma visão equivocada quando a esse amor. Para Lewis, “Aqueles que não concebem a Amizade como amor substantivo, mas apenas como disfarce ou elaboração do Eros, deixam transparecer que nunca tiveram um Amigo” (LEWIS, 2017[1960], p. 87).

A partir desse ponto, o autor passa a diferenciar o amor existente entre Amantes e aquele que se expressa entre Amigos. Neste sentido, o Lewis salienta que, caso não seja compreendido como “amor substantivo” (LEWIS, 2017[1960], p. 87), a Amizade não passará de um “disfarce ou elaboração do Eros” (LEWIS, 2017[1960], p. 87), o que seria, de fato, uma descaracterização desse amor. Nesse sentido, o autor se esforça em diferenciar o amor existente entre Amigos e Amantes, sendo que, enquanto Amigos não têm a amizade como centro de seu diálogo, Amantes estão sempre falando um ao outro algo sobre seu amor. Nas palavras de Lewis, “Amantes estão, normalmente, face a face, envolvidos um com o outro; Amigos estão lado a lado, envolvidos com algum interesse comum” (LEWIS, 2017[1960], p. 88).

Nesse ponto, Lewis apresenta mais características da Amizade em sua visão. Para ele, mais uma diferença entre esse amor e o Eros é o fato de que a Amizade pode se ampliar para mais que duas pessoas, sendo, assim, “o menos ciumento dos amores” (LEWIS, 2017[1960], p. 88). Na Amizade, cada amigo contribui para a percepção de quem é o outro. Assim, em cada

amigo, há algo mais sobre o indivíduo que não se poderia ver sem a existência daquela amizade.

Citando Lamb, o autor explica que

[...] se de três amigos (A, B e C), A morrer, então B perde não apenas A, mas a parte de A em C, enquanto C perde não somente A, mas parte de A em B. Em cada um dos meus amigos há algo que somente outro amigo pode revelar. Sozinho, não sou grande o suficiente para externar em atividade o homem que sou por inteiro; quero outras luzes, além da minha própria, para mostrar todas as suas facetas. (LEWIS, 2017[1960], p. 88).

Na mesma direção, Lewis compara o mecanismo de funcionamento da Amizade ao Paraíso, “onde a multidão dos santos (que nenhum homem pode contar) aumenta o contentamento que cada um tem de Deus” (LEWIS, 2017[1960], p. 89).

O autor também diferencia a amizade do que ele denomina de Companheirismo ou “Panelinha” de clube. Este estaria representado na necessidade dos homens de se unirem em grupos para cooperarem uns com os outros em atividades específicas, como esportes, caça etc. Contudo, Lewis explica que, para ele, a amizade consistiria no encontro, dentro desse grupo, de dois ou mais homens que descobrissem, por exemplo, um interesse ou perspectiva singular comum a eles e não compartilhado pelos demais. E, ao compartilharem essa visão de forma fluida, nasce uma Amizade, e “instantaneamente, eles estarão juntos numa imensa solidão” (LEWIS, 2017[1960], p. 93).

De acordo com Lewis, ainda que sejam diferentes os contextos nos quais as amizades surgem na atualidade – não mais em contextos de caça ou de luta, por exemplo –, elas mantêm o mesmo “mecanismo” de início, porém, agora surgem por realidades compartilhadas, como o estudo ou uma religião em comum; uma profissão ou um hobby; ou ainda outras atividades que possam ser comuns (LEWIS, 2017[1960]). Para o autor essas atividades contribuem para um certo companheirismo, que é compreendida por ele como a matriz da Amizade. Esta, posteriormente, somada a uma descoberta de detalhes mais íntimos em comum, conduzirá estes dois ou três a uma real Amizade.

Em seguida, o autor trata a importância de uma pergunta que vai traçar o início e o caminhar de uma amizade: “*Você enxerga a mesma verdade?*”. Esta é a pergunta que vai dar sentido para a amizade, pois, se a resposta for *não*, ficará em falta uma ligação, nem que seja por um simples jogo ou qualquer outra forma, que sustente essa Amizade. Nesse sentido, Lewis assinala que “Aqueles que nada têm, nada poderão repartir; aqueles que estão a caminho de ‘lugar nenhum’ não poderão ter companheiros de viagem” (LEWIS, 2017[1960], p. 94).

Até este ponto compreende-se a tentativa do autor de deixar claro que a Amizade, o fazer amigos, não está, de forma alguma, ligada a uma obrigação ou a uma necessidade. Daí o fato de Lewis apontar a Amizade como um dos valores que dão sentido à própria sobrevivência.

Assim, mostra-nos que a amizade, para nossos antepassados, era como algo que nos elevaria acima da humanidade. Um amor desprendido do “instinto e do dever, exceto daquele que o amor livremente assumiu, e quase por inteiro dos ciúmes, sem necessidade de ser necessário” (LEWIS, 2017[1960], p. 108). Sendo assim, esse Amor seria, para o autor, eminentemente espiritual: “É o tipo de amor que alguém pode imaginar acontecendo entre anjos” (LEWIS, 2017[1960], p. 108).

Nesse momento da obra, Lewis parece fazer um alerta acerca da possibilidade de ambiguidade na palavra *espiritual*. Segundo ele, no Novo Testamento, este termo aparece em muitos contextos sendo utilizado para se referir ao “Espírito (Santo)”, âmbito no qual o termo *espiritual* pode ser designado como puramente bom. Entretanto, ele salienta a necessidade de considerar também que o termo pode ter outro significado, quando utilizado “simplesmente como o oposto de corpóreo, ou instintivo, ou animal” (LEWIS, 2017[1960], p. 108). Neste outro contexto, deve-se considerar a existência de “maldade espiritual”, de modo que é possível que até mesmo na espiritualidade exista a maldade e a bondade – assim como há maus e bons anjos, segundo o autor. Portanto, Lewis sinaliza a importância de que não se considere a Amizade como “inerentemente santa e sem erro” (LEWIS, 2017[1960], p. 108).

Antes de finalizarmos este capítulo, algumas outras questões sobre a Amizade em Lewis podem nos ser úteis para a análise à qual seguiremos no próximo capítulo. Para esse autor, a Amizade “(como vista pelos antigos) pode ser um aprendizado da virtude; mas também (como não viram) um aprendizado de vícios. É ambivalente. Torna melhores os homens bons e piora os maus” (LEWIS, 2017[1960], p. 112).

E, outro aspecto importante da Amizade na visão de Lewis é que, para ele, esta seria o mais espiritual dos amores, e é exatamente nessa dimensão que reside o seu maior risco. Pois, ainda que a Amizade possa ser vista, inclusive, de forma angelical, “o perigo que a ameaça é também espiritual” (LEWIS, 2017[1960], p. 121). E, assim, Lewis enfatiza a necessidade de que o ser humano esteja triplamente protegido pela humildade. Essa humildade, segundo o autor, seria fundamental para não perdermos a oportunidade de participar do banquete celeste.

Finalmente, Lewis salienta, de forma conclusiva, sua visão sobre a Amizade relacionada a Deus:

Cristo que disse a seus discípulos “Vocês não escolheram, eu os escolhi”, pode verdadeiramente dizer a cada grupo de amigos cristãos “Vocês não escolheram uns aos outros, eu escolhi vocês uns para os outros”. A Amizade não é uma recompensa para o nosso discernimento e bom gosto em achar um ao outro. É o instrumento pelo qual Deus revela a cada um as virtudes de todos os outros. Elas não são maiores que as virtudes de outras mil pessoas. Pela Amizade, Deus abre nossos olhos a elas (virtudes). Como as demais virtudes, são derivadas de Deus e, então, numa boa

Amizade, são por ele aumentadas de modo que sejam seus instrumentos tanto para criar quanto para revelar. (LEWIS, 2017[1960], p. 123 - 124).

Assim, finalizamos este capítulo tendo apresentado a visão de Amizade do autor C. S. Lewis expressa na obra “Os quatro amores”. No seguinte capítulo, trataremos sobre pontos de interseções entre a Amizade em C. S. Lewis e a Ética a Nicômaco. Apresentaremos questões confluentes e divergentes entre a noção de amizade entre estes autores.

CAPÍTULO 3 - INTERSEÇÕES ENTRE A AMIZADE EM C. S. LEWIS E NA ÉTICA A NICÔMACO

Finalmente, neste capítulo, discutiremos pontos de confluência e divergência entre os conceitos de Amizade nas obras selecionadas. Para isso, selecionamos questões específicas de ambas as obras, as quais apresentaremos adiante.

Um primeiro aspecto que destacamos é o fato de que, para ambos os autores, a Amizade é uma forma de amar entre outras.

Quando a Afeição ou o Eros é o lema da vida de uma pessoa, tem-se uma audiência cativa. A importância e a beleza de ambos têm sido enfatizadas, vez após vez, até o ponto do exagero. [...]. Mas poucas pessoas modernas pensam que Amizade é um amor de valor comparável, ou mesmo que seja um amor. (LEWIS, 2017[1960], p. 83)

Tendo isso em vista, tanto para Lewis quanto para Aristóteles, a Amizade é tão importante quanto qualquer outro desses amores. Contudo, os dois filósofos esclarecem que a Amizade não é importante no sentido biológico e nem se trata de um amor necessário.

E a possibilidade de passar pela vida toda sem essa experiência está alicerçada no fato que separa a Amizade tão claramente de outros amores. Num sentido, de forma alguma desrespeitoso, a Amizade é o menos *natural* dos amores; o menos instintivo, orgânico, biológico, gregário e necessário. [...] Sem o Eros nenhum de nós teria sido procriado, e nem sem a Afeição nenhum de nós seria criado; no entanto, podemos viver e procriar sem a Amizade. Biologicamente falando, a espécie humana não tem necessidade dela. (LEWIS, 2017[1960], p. 84).

Para Aristóteles, em uma relação conjugal e familiar – que é, por ele, considerada uma relação amistosa –, pode-se haver e é importante que haja relações de Amizade com outras pessoas para além do círculo familiar. Isso é dito por C. S. Lewis, que afirma que, embora o homem viva num contexto familiar e se relacione com seus filhos e esposa, é importante que tenha amigos.

Neste sentido, ao propor a Amizade como modelo de amor virtuoso, Aristóteles traz consigo a necessidade de que as relações amistosas estejam ligadas ao bem comum, ou seja para o crescimento virtuoso da pólis. Por outro lado, a exposição de Lewis salienta que na relação de Amizade pode haver pontos positivos que contribuam para com a sociedade, assim como esta pode se estabelecer de modo que os amigos vivam em seu próprio grupo, fechando-se para aqueles que estão fora de sua relação, o que, a nosso ver, não parece ser uma preocupação para o autor.

Por certo, há alguma coisa aqui. Mas quase todos os leitores provavelmente entenderão que alguns desses movimentos são bons para a sociedade e outros, não. A lista toda, se aceita, tenderá a demonstrar que, na melhor das hipóteses, a amizade é tanto um possível benfeitor e um possível perigo para a comunidade. e mesmo como benfeitor, ela teria nem tanto valor de sobrevivência, mas aquilo que poderíamos chamar de “valor civilizatório”. Seria algo que (em palavreado aristotélico) ajuda a comunidade não a viver, mas a viver bem. sobrevivência em algumas circunstâncias,

mas nem sempre. De qualquer maneira, parece certo que quando a Amizade produz frutos que a comunidade pode usar, isso acontece de maneira acidental, como um subproduto. (LEWIS, 2017[1960], p. 97).

Apesar disso, C. S. Lewis apresenta que a Amizade, em si, não é o centro do diálogo, porque não poderia se tornar um vínculo da dimensão do Eros. Para ele, o que parece importar na relação de Amizade é o que os Amigos têm em comum, e isso se tornará o centro do diálogo amistoso. Como se pode observar no terceiro capítulo de “Os quatro amores”, Lewis destaca que “A expressão típica de começo de Amizade seria algo como: O quê? Você também? eu pensava que era o único”. (LEWIS, 2017[1960], p. 92). Já em Aristóteles, a Amizade virtuosa pode englobar tanto a relação da utilidade quanto o prazer, desde que toda a dimensão amistosa esteja voltada para o bem comum. Mas, em ambos, parece clara a necessidade da reciprocidade.

Por fim, o último ponto a ser apresentado em relação às interseções entre as obras ora analisadas desses autores seria a visão da Amizade como dimensão da ética em Aristóteles e como dimensão espiritual para Lewis. Para o estagirita, o Amigo é o objeto do próprio amor, o que leva alguém a querer para o outro o que quer para si mesmo. Neste tipo de Amizade, a moralidade é o que orienta este bem querer puro e altruístico. “O moralmente bom não é apenas bom para si mesmo, mas também para o amigo, e isso significa: ele é benéfico e agradável para ele”. (RICKEN, 2008, p. 109 *apud* DOS SANTOS, 2016, p. 246). Ou seja, entra em uma dinâmica da Amizade no aspecto do bom, direcionada ao bem do outro e da comunidade.

Já para o C. S. Lewis, a Amizade seria o mais espiritual dos amores, e necessita fundamentalmente da humildade, uma vez que a Amizade é uma possibilidade dada por Deus para abrir os nossos olhos ao que há de bom naqueles que são Amigos. “A Amizade não é uma recompensa para o nosso discernimento e bom gosto em achar um ao outro. É o instrumento pelo qual Deus revela a cada um as virtudes de todos os outros.” (LEWIS, 2017[1960], p. 123).

Conclui-se que as divergências e confluências entre ambos nos apontam a necessidade e a importância da Amizade nas relações pessoais e sociais. E que o tema da Amizade esbarra em diferentes esferas da existência humana, desde a moralidade até a dimensão política e a espiritual. Desta maneira compreende-se que a Amizade é um tema que deve ser discutido ainda hoje e adiante.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objetivo analisar as diferentes formas como Aristóteles e C. S. Lewis tratam a temática da amizade em suas respectivas obras, tendo como textos principais o livro “Os quatro amores”, de C. S. Lewis, e o livro nove da *Ética à Nicômaco*. Nessa direção, buscamos compreender a amizade em Aristóteles e, a partir dessa compreensão, analisar também o referido conceito na selecionada obra de C. S. Lewis.

Nossas análises apontaram para confluências e divergências nas visões dos autores sobre a temática da Amizade. Para este trabalho, destacamos que esta é abordada como uma entre outros amores, sendo que é tão importante quanto os outros. Mostrando assim que, seja no ambiente familiar ou fora dele, na dimensão social e pessoal, é necessário que haja relações amistosas.

Nesta perspectiva nos deparamos com outro aspecto importante na visão de ambos os autores, que é a finalidade da Amizade. Nesse âmbito, observa-se a defesa de Aristóteles ao colocar a Amizade como uma relação que tende ao bem comum da pólis, enquanto Lewis ressalta tanto uma contribuição desse amor para a vida comum, quanto um atrito da relação entre Amigos e o grupo no qual estão inseridos. Esta divergência entre os autores fortalece a visão da Amizade como uma dimensão que abrange várias realidades da pessoa humana.

E destaca-se, como último ponto, mas não menos importante, a relação da Amizade com a ética na filosofia aristotélica, assim como sua relação com a dimensão espiritual, sobretudo, na perspectiva de C. S. Lewis. Observa-se que, apesar da existência de divergências entre os autores neste ponto, ambos cogitam as relações amistosas como uma realidade virtuosa. Para Aristóteles, esta se revela como parte da virtude moral ligada ao bem, enquanto, para Lewis, trata-se de uma virtude concedida por Deus a fim de contemplarmos o que há de virtuoso também no outro.

Finalmente, o trabalho demonstra a relevância da temática da Amizade nas obras de ambos os autores ainda para a sociedade atual. De fato, esses estudos podem contribuir para a melhor compreensão das nossas relações amistosas. A amizade é compreendida em sua natureza, por Aristóteles, como Virtude, sendo esta a base das relações sociais. Deste modo, o estudo da amizade na filosofia se torna relevante por entender que o modo como o homem se relaciona com o outro é determinante na compreensão da *Ética*.

Considerando as relações humanas como parte fundante de um agir ético, a amizade, com base na filosofia antiga, contribui para a construção da *Ética* e da *Política*. Desta forma, ela se constitui como uma ligação social, tendo, na relação com o outro, a união primordial

entre os seres humanos. Com isso, percebe-se que a amizade, compreendida como virtude, desenvolve-se como um exercício de encontro com outro sujeito.

Por fim, ressalta-se a importância da temática da Amizade tanto na obra de Aristóteles quanto na de Lewis. De fato, esta se faz ainda crucial na atualidade e apresenta elementos importantes para a compreensão das relações humanas no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Abril. 1. ed. São Paulo, p. 379-395, 1973.
- BARNES, J. Aristotle. Oxford; et. al. (1992): Aristoteles. Eine Einführung. Stuttgart, 1982
- DOS SANTOS, Anderson Carvalho. O conceito de amizade em Aristóteles. *Revista Uniaraguaia*, v. 10, n. 10, p. 240-251, 2016.
- LEWIS, C. S. “*Os quatro amores*”. Thomas Nelson Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro, p. 83-124, 2017.
- NEIVA, Carlos. *Frodo & Sam: uma apresentação filosófica da virtude da amizade na obra O Senhor dos Anéis de J. R. R. Tolkien*. 2019. Monografia (Graduação) - Faculdade Católica de Anápolis.
- RICKEN, Friedo. *O bem viver em comunidade: a vida boa segundo Platão e Aristóteles*. Trad. Inês Antônia Lohbauer. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- RODRIGO, Lidia Maria. A areté como ideal formativo da paideia grega. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. nº 26, p. 120-132, maio–out./2016.
- WOLF, Ursula. *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2010.